

cabeça do cavalo

outubro 2016

08/24

> A peça

Crânio completo de equídeo, *equus caballus* (L.1758). A caixa craniana encontra-se bem preservada, observando-se apenas uma ligeira deterioração do ouvido interno do lado esquerdo e duas áreas fraturadas: uma no osso nasal, com falhas recentes e antigas; outra no osso frontal, recente. Não tinha patologias patentes na superfície do osso nem evidenciava a causa de morte aparente.

Os dentes estavam em muito bom estado de preservação e todos presentes. Neste conjunto, a presença de caninos superiores é um forte indicador do género masculino. Estando os caninos e os incisivos de adulto plenamente desenvolvidos e os incisivos com algum desgaste, a idade da morte do animal deverá ter-se situado nos cinco anos.



✓ O grupo

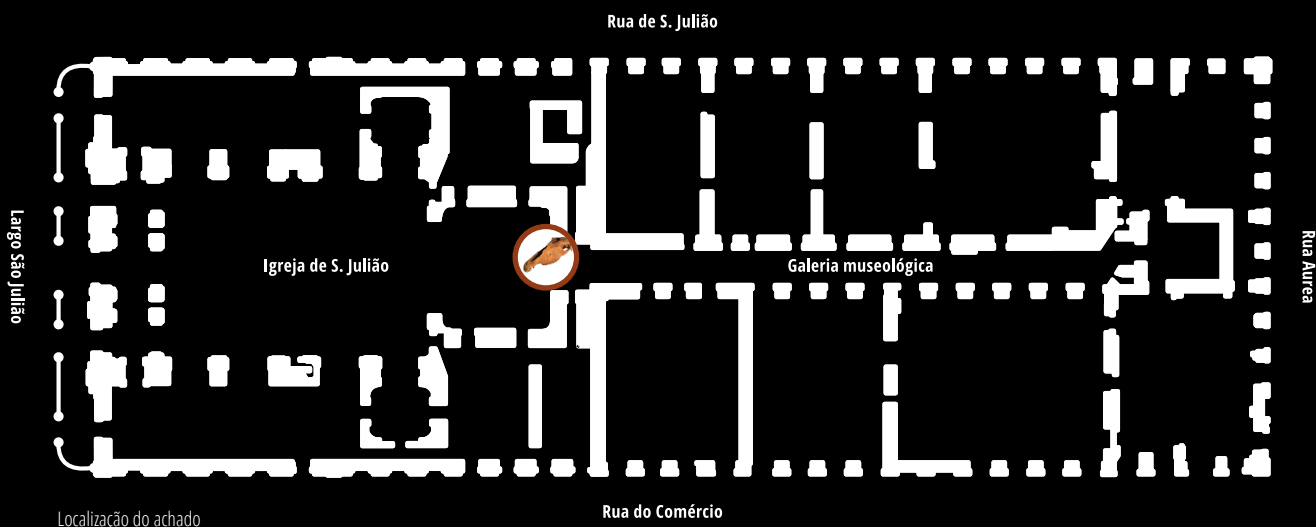
À semelhança de outros animais que seriam posteriormente domesticados, os cavalos foram primariamente encarados pelas sociedades pré-históricas apenas como recurso alimentar. As suas restantes valências, como a força e a velocidade, só mais tarde seriam totalmente aproveitadas, convertendo-os em animais de transporte por excelência. Devido à sua extrema utilidade, incluindo nos cenários de batalha, viriam a tornar-se elementos muito apreciados nas culturas antigas, entre as quais a Hitita e a Mongol.

Nas sociedades da Antiguidade Clássica, os cavalos seriam igualmente bastante apreciados, facto comprovado pela sua frequente representação em numismas como aqueles que apresentamos na final do texto. Alguns granjeariam inclusivamente uma popularidade inusitada como no caso de Bucéfalo, a montada de Alexandre, o Grande.

Durante a época romana, exemplares equídeos como aquele exumado nas escavações arqueológicas cumpriram funções multifacetadas em cenários tão diversos como os campos de batalha ou os circos. Nestes últimos, as corridas de bigas, carruagens puxadas por dois cavalos, ou quadrigas, por quatro, eram uma das principais atrações.



Reconstituições 3D | © Illusive



Localização do achado

Rua do Comércio

^ O achado

Esta peça foi recolhida nos níveis de aluvião do rio Tejo identificados na parte central do quarteirão do Edifício Sede do Banco de Portugal, a escassa distância da atual galeria museológica, perto dos 5 metros de profundidade. Estas camadas depositaram-se maioritariamente em época romana Imperial, entre os séculos I e IV d. C.

∨ Outras informações

A coloração alaranjada da superfície do osso deve-se à natureza ferruginosa dos sedimentos que envolviam o crânio, sendo comum a toda a fauna encontrada nestes níveis. Desta época, também se recuperaram muitos bóvidos, alguns dos quais com marcas de corte na zona dos cornos, bem como outras faunas de grande porte.



Áureo c. 18 a.C.



Octadracma Bisaltai, c. 479-464 a.C